

O poeta é um fingidor

O Poeta é um Fingidor Helder Bentes Professor e Crítico literário De 13 de Junho de 1888 a 30 de Novembro de 1935 viveu Fernando Antônio Nogueira Pessoa, um poeta português natural de Lisboa, cuja engenhosidade artística o elegeu como cânone do Modernismo português e da Literatura universal. Longe de pretender redundância de tudo o que já foi escrito sobre a obra do autor, proponho aqui uma releitura dos poemas "Autopsicografia" e "Isto", conforme congregam sinteticamente as peculiaridades da poética pessoana e denunciam as concepções do próprio Fernando Pessoa acerca da criação poética. Nestes poemas, ele nos dá uma lição de como funciona o processo da criação literária, em que há uma dialética ficção-realidade:

AUTOPSILOGRAFIA poeta é um fingidor

Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente

E os que lêem o que escreve
Na dor lida sentem bem,
Não as duas que ele teve,
Mas só a que eles não têm

E assim nas calhas da roda
Gira, a entreter a razão,
Esse comboio de corda
Que se chama o coração

O primeiro verso dá idéia de ficção, que significa ato ou efeito de fingir. É o produto da invenção. Há a dor real do poeta ("a dor que deveras sente") e há a dor fictícia, inventada pela linguagem poética.

Os que lêem (os leitores) o que o poeta escreve (o poema), na dor lida sentem bem só a (dor) que eles (os leitores) não têm. E a dor que eles não têm é a dor fictícia, aquela dor imaginária que se materializa na linguagem poética e que, segundo Pessoa, é uma espécie de máscara que esconde "a dor que deveras sente", que, por sua vez, certamente, não difere da dor dos leitores.

Mas a criação poética é ato tão fictício que os leitores só depreendem a dor lida e nela sentem não as duas dores (real e fictícia) que ele (o poeta) teve, mas só a que eles não têm.

Pessoa, então, defende a idéia de que fingir é privilégio exclusivo de poetas e sentir de verdade é fato comum a todo ser vivente, independentemente de ser poeta ou não.

Partindo desses pressupostos, pode-se afirmar que, para Pessoa, nem sempre "a dor que deveras sente" é a dor enunciada. Às vezes a dor real pode ser mascarada pela linguagem poética, fazendo com que o coração entretenha a razão.

A linguagem poética, no dizer de Fernando Pessoa, tem o poder de manipular arbitrariamente os sentimentos humanos de modo a torná-los alheios à razão. É o que se evidencia no último quarteto de "Autopsicografia", em que o coração, representante simbólico das emoções humanas no mundo ocidental, é metaforicamente comparado a um "comboio de corda", isto é, a um brinquedo que entretém a razão.

Na poética de Fernando Pessoa, o ato de pensar faz que sua consciência exerça um controle sobre a criação poética, delimitando o fluxo de emoções aquém do sentimentalismo romântico.

Segundo Vítor Manuel de Aguiar e Silva, em artigo cujo título é "A criação poética": "raramente um poeta, em qualquer literatura, teve tão lúcida consciência do problema do fingimento poético como Fernando Pessoa". Para ele, Pessoa sabia que "... a sinceridade psicológica não possui valor no plano da criação poética", o que justifica a primeira quadra de "Autopsicografia". Quando Pessoa refere-se, no último verso dessa quadra, à "dor que deveras sente", quer dizer que entende o fazer poético como atitude que, se abrange, também transcende os elementos existenciais, pois "a dor fingida, a dor que figura no poema, mesmo quando se prende a uma dor real, não se identifica (necessariamente) com esta".

A metalinguagem é elemento indicial da posição vanguardista de Fernando Pessoa. No poema "Isto", o poeta responde às acusações de insinceridade que recebe da tradição literária confidencialista que se consolidou nas letras europeias a partir do século XIX com o advento do Romantismo. Diz Fernando Pessoa:

Dizem que finjo ou minto
Tudo o que escrevo. Não.
Eu simplesmente sinto
Com a imaginação.
Não uso o coração.
Tudo o que sonho ou passo,
O que me falha ou finda,
É como que um terraço
Sobre outra coisa ainda.
Essa coisa é que é linda.
Por isso escrevo em meio

Do que não está ao pé,
Livre do meu enleio,
Sério do que não é.
Sentir? Sinta quem lê!

As idéias expressas na primeira quadra de "Autopsicografia" tornam-se recorrentes nos três últimos versos da primeira estrofe de "Isto". O que há de mais belo neste poema é a comparação entre o terraço e o produto da experiência existencial do poeta: "Tudo o que sonho ou passo / O que me fala ou finda...". Os elementos existenciais são como um terraço sobre outra coisa linda que é a poesia do poema, que o poeta escreve com a liberdade que lhe assiste de criar sem sentir, facultando aos leitores a liberdade de sentirem o que lhes for permitido na apreensão do poema.

Considerando, portanto, que o poeta é um fingidor, não se deve tomar sua criação literária como um referencial investigativo de seus próprios posicionamentos a respeito de assuntos pertinentes à vida em sociedade. Por isso, as propostas de interpretação que se seguem nos artigos baseados na obra dos heterônimos não pretendem delimitar suas crenças pessoais (até porque a heteronímia é também produto do fingimento poético), mas antes inferir, a partir de uma lógica intuitiva e supra-racional, pautada também na experiência que forma a consciência empírica dos leitores, quais conceitos se refletem nos textos de Fernando Pessoa e quais as propostas reflexivas trazidas por esses textos.